

Lula encontra Fernández na Argentina e afirma que moeda comum entre os países está sendo trabalhada

Brasil e Argentina negociam moeda comum, afirma Lula

Ideia é que divisa seja usada nas transações comerciais entre os países

Sylvia Colombo

BUENOS AIRES O presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT) afirmou que o projeto de moeda comum entre Brasil e Argentina está sendo trabalhado pelos dois países. A declaração foi dada após uma reunião entre Lula e o presidente argentino, Alberto Fernández, em Buenos Aires nesta segunda (23). "Acho que com o tempo isso [moeda comum] vai acontecer, e é necessário que aconteça", afirmou Lula.

A ideia é que a moeda seja usada em transações comerciais entre os países. Ou seja, ela não é uma moeda única —Brasil e Argentina seguiriam com o real e o peso, respectivamente.

Lula disse que o projeto de moeda comum será tratado ao lado de propostas de comércio exterior e de transações feitas pelas equipes econômicas da Argentina e do Brasil, após "muitos debates e reuniões".

"Se dependesse de mim, a gente teria comércio exterior sempre nas moedas dos

outros países, para que a gente não precise ficar dependendo do dólar. Por que não tentar criar uma moeda comum entre os dois países, com países do Brics?", disse Lula.

Em declaração conjunta divulgada após o encontro, os presidentes dizem que acordaram "iniciar estudos técnicos, incluindo os países da região, sobre mecanismos para aprofundar a integração financeira e mitigar a escassez temporária de divisas, incluindo mecanismos a cargo dos bancos centrais".

Eles afirmam também "a intenção de criar, a longo prazo, uma moeda de circulação sul-americana, com vistas a potencializar o comércio e a integração produtiva regional e aumentar a resiliência a choques internacionais".

No texto, Lula e Fernández dizem ainda que concordaram em ampliar o uso do sistema de moeda local (SML), "incorporando o comércio de serviços e a implementação de linhas de crédito em reais para dinamizar comércio bilateral

Plano não é divisa única e não tem relação com ideia defendida por Guedes, diz Haddad

O ministro da Fazenda, Fernando Haddad, disse que o plano para criação de uma moeda comum entre Brasil e Argentina está avançando e não tem relação com a ideia de uma divisa única defendida pelo ex-ministro da Economia Paulo Guedes. "Meu antecessor defendia uma moeda única, não é disso que estamos falando, não se trata da ideia de Paulo Guedes, se trata de avançarmos nos instrumentos previstos e que não funcionaram a contento", disse, em evento durante viagem a Buenos Aires, na Argentina. Em agosto de 2021, Guedes afirmou que uma moeda única para o Mercosul possibilitaria uma integração maior e uma área de livre-comércio e criaria uma divisa que poderia ser uma das "única ou seis moedas relevantes no mundo". Haddad e Sergio

Massa, ministro da Economia da Argentina, afirmaram que os países avançaram na ideia da moeda comum, que seria usada em negociações comerciais entre os países —o que é diferente de uma moeda única que substituiria o real e o peso. O ministro reforçou que o valor de cada moeda não está em risco. "Tínhamos uma série de mecanismos que deixaram de funcionar. Estamos criando uma forma de atender às demandas, um meio de pagamento comum que não dependa da situação cambial de cada país", disse Haddad. Ele citou como exemplos que não funcionaram bem a possibilidade de pagamento em moeda local pelos dois países e o CCR (Convênio de Pagamentos e Créditos Recíprocos), mecanismo de compensação entre bancos centrais.

e facilitar os fluxos financeiros no sistema, aumentando a previsibilidade das transações".

O memorando do encontro do ministro da Fazenda do Brasil, Fernando Haddad, e do titular da Economia da Argentina, Sergio Massa, porém, não citou a moeda comum, apenas moedas locais.

rem, negou que haverá risco para o BB ou qualquer outra instituição financeira.

"O BB não vai tomar risco nenhum com essa operação de crédito de exportação. Nós vamos ter um fundo garantidor, que é um fundo soberano, que vai garantir as cartas de crédito emitidas pelo BB para os exportadores brasileiros", repetindo que está sendo negociado um sistema de garantias com a Argentina.

O risco para o banco, diz Haddad, é só o de conversão entre o peso e o real. Hoje, com 30 dias, a perda do banco é pequena. Com o aumento do prazo, pode passar a ser maior, mas aí, explica, entra o fundo garantidor de exportações.

Ao mesmo tempo, o governo brasileiro negocia que, a cada operação, o governo argentino irá oferecer colaterais com liquidez internacional —que podem ser títulos da dívida de países estáveis ou contratos futuros de venda de commodities, por exemplo. No caso de uma empresa argentina não honrar seu compromisso com o banco brasileiro e o fundo garantidor tiver que ser acionado, o governo brasileiro teria como recuperar os recursos.

A Argentina é o terceiro destino das exportações do Brasil e a terceira principal origem das importações. Em 2022, dos US\$ 15,4 bilhões exportados pelo Brasil à Argentina, 91% foram industrializados.

Com Ricardo Della Coletta e Reuters
Leia mais na pág. A9

Ministro anuncia crédito do BB para exportação ao vizinho

O ministro Fernando Haddad afirmou que o Banco do Brasil irá financiar exportações para a Argentina com a emissão de cartas de crédito.

A medida faria parte de um novo plano para tentar reatender o comércio entre os dois países através do financiamento de exportações.

O acordo prevê a abertura de crédito de bancos brasileiros para importadores argentinos e a criação de um fundo pelo governo brasileiro para garantir o pagamento.

No memorando, aparece que os países "se comprometem a implementar linhas de financiamento de importações operadas por entidades bancárias e garantidas pelos governos de ambos os países, com prazos, volumes e contragarantias, acordados caso a caso, com critérios de risco".

A fala derrubou asações do Banco do Brasil. Haddad, po-



Fernando Haddad (Fazenda) e o ministro da Economia da Argentina, Sergio Massa, durante entrevista em Buenos Aires. Luis Robayo/AFP

BNDES vai voltar a financiar projetos de engenharia no exterior, diz presidente

BUENOS AIRES O presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT) afirmou nesta segunda-feira (23), durante encontro com empresários brasileiros e argentinos, que o BNDES vai "voltar a financiar as relações comerciais do Brasil e projetos de engenharia no exterior".

Uma das bandeiras do petista, em visita à Argentina nesta semana —a primeira do presidente desde a posse—, é o estreitamento de laços comerciais e a integração regional.

Mais cedo, Lula já havia afirmado que o financiamento de obras na América Latina pelo BNDES seria um "motivo de orgulho" para o Brasil, e que o país tem o dever de ajudar seus vizinhos.

A atuação do banco de fomento no exterior foi alvo de críticas de opositores em gestões petistas anteriores e mobilizadas durante a campanha eleitoral por apoiadores de Ja-

ir Bolsonaro (PL).

Um exemplo é o porto de Mariel, em Cuba, cuja modernização foi feita pela Odebrecht com financiamento do BNDES. Outras obras foram financiadas na Venezuela e Moçambique —que chegaram a dar um calote nos pagamentos em 2018.

Ele disse, ainda, que, se os empresários brasileiros mostrarem esforço, as condições para a construção de um ga-

soduto entre Brasil e Argentina poderão ser criadas.

"Eu tenho certeza que os empresários brasileiros têm interesse no gasoduto, nos fertilizantes que a Argentina tem, no conhecimento científico e tecnológico da Argentina. E, se há interesse dos empresários e do governo, e nós temos um banco de desenvolvimento para isso, vamos criar as condições para fazer o financiamento que a gente pos-

sa fazer para ajudar no gasoduto argentino", disse Lula.

Apesar da promessa, o presidente brasileiro deixa nas entrelinhas que o modelo de financiamento não está exatamente definido. Uma fonte ouvida pela Reuters revelou que o Brasil não deve voltar ao modelo anterior de financiar diretamente obras de infraestrutura em outros países, mas fi-

nanciar a compra de bens de empresas brasileiras a serem usados nas obras.

O acesso ao gás argentino, no entanto, é de interesse direto do Brasil, que hoje depende em grande parte do produto boliviano. O campo de Vaca Muerta está entre os maiores campos gasíferos do mundo e poderia aliviar a dependência brasileira. SC

Com Reuters

Veículo: Impresso -> Jornal -> Jornal Folha de S. Paulo

Seção: Mercado **Caderno:** A **Página:** 13